

fragmentado por lacunas que serão revistas posteriormente. Revisões oferecidas como contribuições e por etapas.

Final, afirmam os historiadores da ciência - Papavero, Bousquets e Simoes: a Revolução Moderna trouxe com animação, graças ao trabalho de computadores e outros aparatos tecnológicos, os estudos mais avançados da Tectônica Global. A conquista veio contribuir para com uma nova visão dos biólogos, uma evolução na distribuição geográfica dos organismos bem como alguns esclarecimentos acerca de fenômenos que envolvem o comportamento de certos animais. É o caso do citado estudo das tartarugas verdes (*Chelonia mydas*) que ao contrário das espécies continentais (lacustres ou terrestres), não se aninham nas áreas onde se alimentam ou vivem.

As tartarugas verdes alimentam-se na costa brasileira, "*pero gran parte de los mecanismos de orientación que utilizan para encontrar sus zonas de anidación son desconocidos (...)*", isto posto, buscam para aninharem-se uma pequena ilha (*Ascensión*) perdida no Atlântico, distante 2.200 quilômetros do Brasil, próxima a linha do equador, quando no Brasil temos milhares de praias. Através das investigações geológicas foi possível esclarecer este aspecto biológico como sendo a herança de um comportamento que vem evoluindo a quase 70 milhões de anos, tão logo o Atlântico Sul teve sua origem, quando então, a jornada para a reprodução não exigia mais que 300 quilômetros mar adentro.

O processo das Placas Tectônicas uniu continentes num único super continente, ou fragmentam-no em inúmeros blocos menores, e ainda da colisão das placas litosféricas elevaram-se cadeias de montanhas. Tais alterações, seja no ambiente marinho, seja no ambiente terrestre interferem diretamente na distribuição geográfica dos organismos. Em resposta a essa movimentação, os processos da biota e seus organismos de conservação desenvolveram mecanismos de dispersão e a criação de simpatrias, ou seja, a superposição de distribuição de distintas espécies nas áreas geográficas. Num segundo momento, a especiação gerada pela fragmentação das populações antecessoras em populações descendentes, foi impedida de trocar informação genética, em razão disso diferenciaram-se uma vez que a população se manteve ilhada pelas barreiras físicas.

Como afirmamos no início, o livro "*La Distribución de los seres vivos y la Historia de la Tierra*" não trata de uma temática que outras obras não tivessem publicado, esclarece isto sim, uma intencionalidade da divulgação, objetivando uma aproximação maior da ciência com o leitor. Uma outra preocupação implícita que podemos inferir numa obra dessa invergadura é o lugar que a curiosidade científica ocupa no nosso espaço cognitivo. Assim como Chomsky entendemos nossos limites cognitivos e sociais como impedimento para o sucesso da ciência e de resto o que pode ser observado e um *establishment* amputando a curiosidade e criatividade.

EULÁLIA MARIA A. MORAES DOS SANTOS¹

LEFEBVRE, Henri. O Pensamento Marxista e a Cidade. Lisboa: Editora Ulisseia, 1972, 173 p.

BOLETIM DE GEOGRAFIA, Maringá, 19(1): 171-173 (2001)

Quando o campo deixou de ser ator central na trama da história humana, dando então lugar à cidade? É na década de 70 que Henri Lefebvre se debruça sobre o fenômeno cidade, tendo como norteador teórico os escritos de Engels e Marx. Hoje, passados quase 30 anos poderíamos especular que tal enfoque sobre o fenômeno geográfico cidade é procedimento comum, alguns ex-marxistas recém-convertidos a postura neo-liberal poderiam até mesmo dizer que tal proposta metodológica tem muito pouco a ofertar para um quadro mundial, onde encontramos uma união soviética reduzida a vários Estados independentes, uma Alemanha reunificada, uma Cuba com um socialismo reduzido a uma pequena ditadura latino-americana e, uma China que mata seus estudantes em uma praça que tem como nome Paz Celestial.

Porém, há alguns pontos que devemos observar na obra de Henri Lefebvre: o detalhado trabalho de uma busca genésica pela origem da cidade enquanto ator e palco central das relações

¹ Graduada em História - Mestranda em Geografia, *Análise Regional e Ambiental* - UEM.

econômicas e sociais humanas, bem como sua ascendência com o fim da Idade Média; e uma análise minuciosa da cidade enquanto figura antagônica do homem proletário e burguês; como redentora e algoz.

Lefebvre inicia sua obra citando Engels, lembrando que este um pouco antes de Marx já observava a importância que a cidade possuía enquanto palco das nascentes relações antagônicas entre proletariado e burguesia. Junto com Engels o autor conjectura: teria sido a cidade um reflexo ou um dos fatores fomentadores da chamada revolução industrial? A pertinência desta questão continua rondando os corredores da academia até as portas da passagem do milênio que estamos para presenciar. Afinal o ambiente urbano surgira para comportar a maquinaria e a grande indústria, cidades milenares como as européias foram fundadas onde antes os camponeses se reuniam para estabelecer troca, venda e compra de seus excedentes rurais. Desde a queda do Império Romano até inícios da Revolução Industrial, o rural sempre desempenhou papel primordial nas relações humanas, é certo que os feudos possuíam seus burgos fortificados, mas a movimentação destes era tímida se comparada com a eferescência do campo, as relações de exploração já eram bem definidas, mas mesmo elas se processavam somente no ambiente rural, afinal dois, até três dias da semana o camponês tinha de trabalhar a terra do senhor como forma de pagamento pelo usufruto do feudo.

A crise que tivera início no século XIII, ou seja, aumento da população, más condições da agricultura seguida da mudança climática brusca e a peste, são fatores que contribuíram para uma dizimação da população até então essencialmente agrária - algumas estatísticas apontam para uma redução em um terço da população européia. A redução da população, a fome e o medo enfraqueceram sobremaneira os feudos - alguns são totalmente abandonados -, paralelo a este abandono verdadeiras proscições de fé erravam pelas estradas buscando refúgios, ao mesmo tempo em que fugiam das áreas epidêmicas. No desespero de causa os senhores feudais criam para o camponês regras de obediências, seguida de baixíssima remuneração, com percentual elevado de impostos em produtividade. Estabelece-se entre o senhor e o servo (camponês) a animosidade e as acusações mútuas, ao longo das negociações surge, o que os marxistas chamariam de consciência da diferença social. Estava nascendo uma classe social que em muito mudaria os costumes seculares da relação de trabalho.

O autor lembra que a cidade em uma primeira instância exerce uma função sedutora para o camponês, neste ponto ela é esperança, esperança no sentido de que o abandono do campo significa também abandonar os maus tratos exercidos pelo então decadente senhor feudal e pelos altos impostos da terra então cobrados. A cidade deixa de ser esperança no sentido de que a maquinaria produz mais valia, assim como, não necessita de mão-de-obra especializada para sua operação como então sucedia com os artesãos e seus aprendizes que tinham uma verdadeira relação amorosa com seu ofício. Resulta daí que não era qualquer um que poderia operar um tear, por exemplo, e o elitismo das corporações de ofício - ao contrário da maquinaria e grande indústria - fechavam literalmente as portas das cidades ao êxodo rural. Neste ponto da chamada 'revolução industrial' ocorre rapidamente um inchaço urbano ao mesmo tempo em que uma segregação populacional dado pelo excesso de mão-de-obra em potencial; uma expulsão via marginalidade, mascarada pela necessidade de ter este contingente populacional sempre à mão.

O resultado não poderia ser melhor para a então nascente relação capitalista. Configura-se então mais um dos inúmeros antagonismos que irão nortear as relações humanas modernas. Na cidade teremos o caos, o crescimento desordenado e precário do ambiente tipicamente proletário: os bairros, o subúrbio, mas também teremos a harmonia dos bairros da classe empresarial, industrial, enfim burguesa. Toda a cidade terá um pouco de Manhattan e Bronx, Lefebvre será um dos primeiros a teorizar esta estética urbana à luz do marxismo; demonstra ele, que historicamente esta geografia econômico-social esteve sempre presente na constituição da cidade desde fins da Idade Média; por mais rápida e aparentemente desordenada que possa parecer preza-se sempre pela ordem, ordem no sentido de se separar claramente o proletário do burguês, o patrão do empregado. Esta seria uma questão de ordem estrutural, ou seja, em sua quase totalidade os centros urbanos expandem-se sempre obedecendo este ordenamento sócio-geográfico. Este é somente um dos importantes fatores levantados por Lefebvre acerca dos constituintes físicos e humanos da cidade.

Unidade e contradição serão os progenitores da cidade, afinal ela surge do campo, dos excedentes que ele produz, mas a cidade também hostiliza o campo na medida que seus moradores são "refugiados" do rural, pessoas que oferecem mais valia em volume ilimitado mas que não possuem especialidades que lhes dê alguma vantagem real no meio urbano. O camponês será o ator

urbano da cidade, Lefebvre demonstra que este processo de êxodo está longe de ser novo, e dura no mínimo 6 (seis) séculos. Dentro do perímetro urbano estuda a história da divisão do trabalho na cidade, bem como o processo que fora preconizado por Marx em Maquinaria e Grande Indústria, Lefebvre aponta para a cidade como o background onde se construírá o objeto de estudo de Marx. É certo que o campo também será palco das relações das classes operária e burguesa, mas em nada se compara a cidade. Devemos entender a obra de Lefebvre como pioneira no estudo deste ambiente criado pelo homem para servi-lo e oprimi-lo, a partir do “Pensamento Marxista e a Cidade” podemos inferir mais facilmente estudos diversos como por exemplo grande parte da obra do pai da Psicanálise Sigmund Freud, afinal as neuroses, paranóias são psicopatologias que surgem no homem somente após a revolução industrial e conseqüente aumento das cidades. As patologias estudadas por Freud podem hoje ser consideradas como de origem burguesa, burguesa no sentido desta classe ser a principal responsável pela criação do ambiente que propicia tais patologias.

Enfim, percebemos com Lefebvre que a cidade não se limita ser uma mera invenção da modernidade, ou simples palco das ações e explorações perpetradas pela classe burguesa, a Cidade interage em um campo da humanidade que passados quase 30 anos desde que Lefebvre escreveu “Pensamento Marxista e a Cidade” continua sem delimitação, porém sabermos até que ponto a cidade deixa de ser ator para se tornar palco das relações humanas já não é questão nos estudos contemporâneos, o que se privilegia enquanto objeto de estudo dentro dos limites da *Urbs*, é como se opera as relações humanas, sejam elas de trocas culturais, religiosas e claro de exploração.

A estética, a arquitetura, o urbano e o suburbano são componentes que se situam entre criatura e criador dos componentes psicológicos, sociais, religiosos e econômicos do homem, ou seja, quando a burguesia se apropria de uma moda vinda do ambiente suburbano transformando-a em uma febre consumista vista em out-doors e propagandas de televisão? E quando o subúrbio, o percentual significativo do público consumidor cede a uma campanha publicitária burguesa criada especialmente para criar um hábito cultural calcado na moda? Como podemos observar, os processos de relação cultural e capital que se operam em uma cidade são complexos e ricos. Estudá-los é trazer grandes contribuições ao estudo do homem contemporâneo. A cidade esconde e expõe ao mesmo tempo todos os meandros que compõem as relações de troca e exploração criadas pelo e para o homem. As contribuições de Lefebvre já trazem a baila mais ferramentas para a análise e “dissecação” deste amplo e complexo universo humano chamado cidade, que assim como nós e nossas relações antagoniza em quase todos os seus aspectos.

EULÁLIA MARIA A. MORAES DOS SANTOS²

RELATO DE EXPERIÊNCIA GEOGRAFIA: ver, tocar, sentir-

BOLETIM DE GEOGRAFIA, Maringá, 19(1): 173-179 (2001)

Resolvi publicar este relato de experiência, encorajada por professores que disseram utilizá-lo em sua versão “mimeo de 1987”.

Fui professora de Geografia da rede pública do Estado de São Paulo e trabalhei sempre com muitas dúvidas e poucas certezas. Percebi que o conteúdo de Geografia como ciência era muito importante, mas sem a Didática Específica pouco conseguiria dos objetivos de ensinar Geografia.

Numa dessas circunstâncias entre dúvidas, erros e alguns caminhos abertos, ofereci-me para desenvolver um projeto com professores e alunos de 3ª série do Primeiro Grau, com possibilidade de levar os alunos para fora dos muros da escola, vivenciar o espaço geográfico, observar o movimento nas ruas, participar da circulação de mercadorias, participar como sujeito da circulação, utilizando meios de transportes coletivos.

Sentia que era um erro encorajar crianças a memorizarem conceitos sem significado. O meu objetivo era possibilitar aos alunos “verem, tocarem e sentirem” a Geografia presente no cotidiano e construir conceitos a partir das referências do visto, tocado, sentido.

² Graduada em História e Mestranda em Geografia – *Análise Ambiental* – Uem/Pr.